

○
○
○

Nacional

Zenha: o últ

Henrique Monteiro

Soares e Zenha — não há quem os detenha.» Assim gritava uma multidão concentrada na Alameda de D. Afonso Henriques, no auge da luta contra o Governo de Vasco Gonçalves, em 1975. Eles eram o líder carismático e a consciência moral; o propagandista e o agitador. Entre os dois previa Sousa Tavares, nunca haverá ciúmes: «São uma parilha quase única na vida política mundial.» Sete anos depois sobrevém o desentendimento. Um grande rançor, só possível depois de uma profunda amizade.

Remonta aos tempos da luta académica contra a ditadura o conhecimento entre os dois. Ligeiramente mais velho que Soares (dois anos), Zenha é um dos fundadores do MUD Juvenil depois de ter sido presidente da Associação Académica de Coimbra (em 1944, com 21 anos). Na mesma altura dirigiu o jornal «Via Latina», órgão a que imprimiu irreverência e um claro posicionamento antifascista.

Demitido arbitrariamente pelo Governo no ano seguinte, por ter recusado integrar uma manifestação «espontânea» de apoio ao ditador, Francisco Salgado Zenha não mais aban-

Resistência Republicana e Socialista (1955); Acção Socialista Portuguesa (1965), Partido Socialista (1973) e, evidentemente, todas as campanhas de oposição, nomeadamente as de Noronha de Matos, Humberto Delgado; e ainda em todas as listas da Oposição Democrática, da CEUD e da CDE, e em todos os manifestos e abaixo-assinados, bem, como até, prisões e nos protestos.

Uma paixão pela advocacia

«Os senhores estão a julgar um inocente e têm que absolver, quer queiram, quer não. Assim se referia Zenha ao seu cliente. António Champi-

FONTE DE INFORMAÇÃO

O jornal

N.º DE REGISTO

/AJ

DATA

8.11.85

N.º



Nacional

Zenha: o último a rir?

Henrique Monteiro

Soares e Zenha — não há quem os detenha.» Assim gritava uma multidão concentrada na Alameda de D. Afonso Henriques, no auge da luta contra o Governo de Vasco Gonçalves, em 1975. Eles eram o líder carismático e a consciência moral; o propagandista e o agitador. Entre os dois previa Sousa Tavares, nunca haverá ciúmes: «São uma parilha quase única na vida política mundial.» Sete anos depois sobrevém o desentendimento. Um grande rançor, só possível depois de uma profunda amizade.

Remonta aos tempos da luta académica contra a ditadura o conhecimento entre os dois. Ligadamente mais velho que Soares (dois anos), Zenha é um dos fundadores do MUD Juvenil depois de ter sido presidente da Associação Académica de Coimbra (em 1944, com 21 anos). Na mesma altura dirigiu o jornal «Via Latina», órgão a que imprimiu irreverência e um claro posicionamento antifascista.

Demitido arbitrariamente pelo Governo no ano seguinte, por ter recusado integrar uma manifestação «espontânea» de apoio ao ditador, Francisco Salgado Zenha não mais abandonaria a sua opção de activo militante antifascista.

Em Coimbra se conheceram os dois líderes, e aí fundaram a sua longa amizade. Zenha, nascido em Braga, a 2 de Maio de 1923) proveniente de uma família católica e relativamente conservadora. Soares, natural de Lisboa, filho de um ministro da República, cujas convicções anti-salazaristas eram bem conhecidas.

Estudando, um em Coimbra e outro em Lisboa, encontram-se na Comissão Central do MUD Juvenil, de que ambos fizeram parte. A partir daí, é um sem-número de acções e de movimentos em que participam:

Resistência Republicana e Socialista (1955); Acção Socialista Portuguesa (1965), Partido Socialista (1973) e, evidentemente, todas as campanhas da oposição, nomeadamente as de Norton de Matos, Humberto Delgado; e ainda em todas as listas da Oposição Democrática, da CEUD e da CDE, e em todos os manifestos e abaixo-assinados, bem, como até, nas prisões e nos protestos.

Uma paixão pela advocacia

«Os senhores estão a julgar um inocente e têm que o absolver, quer queiram, quer não.» Assim se referia Zenha ao seu cliente, António Champalimaud, no controverso e longo caso da Herança Sommer.

Esta é outra faceta sua — a de grande advogado. A entrada de Zenha naquele que foi o mais importante caso jurídico dos anos que precederam o 25 de Abril, foi alvo de controvérsias. Na altura ele era uma figura de proa de Oposição. Escandalizou, assim algumas consciências ao aceitar o desafio de defender um grande capitalista. Curiosamente, Zenha demonstraria que a razão estava do seu lado. Do julgamento, fez uma arma para a desmontagem de muitos poderes do regime. E o «folhetim Sommer», diariamente publicado nos jor-

nais, era avidamente lido e comentado em toda a parte.

Mas se este foi um dos julgamentos mais importantes em que Zenha participou antes do 25 de Abril, não se pode esquecer que ele foi, igualmente, um exímio defensor de presos políticos nos tribunais plenários. Nas causas onde se envolveu (e envolve) fê-lo sempre de forma profunda. Entre os episódios mais conhecidos da sua vida de advogado, conta-se a sua consulta a vários livros que tratam de paranóias, por considerar que Carlos Champalimaud, que acusava o seu cliente, António Champalimaud, sofria dessa doença, tal como o juiz-presidente, com quem se envolveu em aliciantes batalhas jurídicas.

Aliás, a paixão de Zenha pelo Direito e pela advocacia revela-se pelos livros que, então, publicou: «Notas sobre a Instrução Criminal», «Universidade, um processo de uma expulsão disciplinar», «Quatro causas», «Justiça e Polícia», «Os Católicos e os Direitos do Homem».

Já depois do 25 de Abril, Zenha seria, como primeiro ministro da Justiça, o obreiro da revisão da Concordata entre Portugal e a Santa Sé, o que permitiu o divórcio aos casados pela Igreja.

Actualmente, como advogado, participa como defensor de um dos acusados no caso FP-25 — Mouta Liz. Mais uma vez, não fugiu a uma causa controversa.

Cáustico e irreverente

O regime democrático, conquistado em 25 de Abril, torna Zenha numa das suas figuras mais importantes. Ele exerce, em primeiro lugar, como se disse, o cargo de ministro da Justiça dos quatro primeiros Governos provisórios. No VI Governo



Salgado Zenha
O «Soares que perdeu»?

provisório, ocupou a pasta das Finanças. Mas, mais que isso, ele é o número dois do Partido Socialista. O partido que liderou a luta contra o «gonçalvismo», vencedor das primeiras eleições livres e o primeiro a formar um Governo constitucional.

Zenha, no dizer de Mário Soares, era a «consciência moral do PS». Os grandes ataques que o PS desencadeava contra os seus adversários eram desferidos por ele. De forma cáustica, por vezes sobranceira. É célebre a intervenção de Zenha na televisão (contra a qual foi o primeiro a insurgir-se num artigo publicado no «Diário de Notícias») onde, referindo-se a Octávio Pato, sublinhava o e antes do t.

Foi sempre um líder corajoso. Fosse na Fonte Luminosa, ou no comício contra a unicidade sindical, como a defender ou a atacar governos. Dos seus discursos retira-se a ironia e a frontalidade. Após o 25 de Novembro, Zenha considera Álvaro Cunhal «um derrotado» afirmando que «como tal figurará na História». Depois das eleições de 1976 é ainda ele quem defende com maior veemência a ideia de um Governo constituído só pelo PS.

Para o PCP ele é um inimigo. É a «ala direita do Partido So-

cialista». A sua passagem pela pasta das Finanças, no Governo dirigido por Pinheiro de Azevedo, faz com que os comunistas organizem uma campanha contra ele. Mas Salgado Zenha reage como sempre: com ironia e até algum despreendimento. Chega a afirmar que soube dos aumentos dos preços pela sua mulher e pelas conversas que ouviu na rua.

O corte com Mário Soares

Líder parlamentar do PS durante anos, as suas divergências com a maioria do partido, o que é dizer, com Mário Soares, explodiram em 1980, quando o secretário-geral do PS decidiu retirar o seu apoio à candidatura de Eanes. Zenha, como o próprio Eanes reconhece em recente entrevista ao «Tal e Qual», onde afirma que é ele o político que mais preza, nunca poupou o Presidente a críticas. Mas nunca concordou com a estratégia soarista, que erigia os militares e os eanistas em inimigos do PS.

Em 1982 é convidado a demitir-se de presidente do Grupo Parlamentar socialista e é-lhe depois movido um processo disciplinar, que não tem qualquer resultado. «Perdoo-lhes o que me fizeram» — afirma ele, na altura, a «O Jornal». Em 1983, devido à discordância dos critérios que presidiram à colocação dos elementos da minoria do PS nas listas de candidatos a deputados, sai das listas, tal como todos os elementos do ex-secretariado. Algumas vezes elementos afectos a Mário Soares sugerem que ele deve sair do partido de que foi um dos fundadores, ao que o pretende fazer, ao que Zenha responde que só sairá do PS a pontapé...



No último Congresso do PS não aceitou qualquer cargo. Nas últimas legislativas foi convidado ainda, pela distrital de Braga do PS, por ser o n.º 1 da sua lista, mas não aceitou por considerar não haver no partido condições para isso.

O grupo do ex-secretariado, que com Zenha combateu as teses de Soares dentro do partido, optou, no Congresso de 1983, por uma estratégia diferente, aceitando participar na Comissão Política, numa lista conjunta com a maioria. Não obstante quase todos os elementos desse grupo serem amigos pessoais daquele que foi o número dois do PS, quando o nome de Zenha surge como alternativa a Costa Brás para candidato às presidenciais, mantêm-se como apoiantes de Soares, em cuja Comissão Política da candidatura estão António Guterres e Jorge Sampaio.

Apesar do progressivo afastamento de Zenha, no PS muitos lamentam ainda que ele é Soares se tenham zangado de forma irremediável. A sua frontalidade e o seu espírito de combate deixaram marca.

As diferentes perspectivas políticas e a «intolerância» de que Zenha acusa Soares, separaram os dois líderes «históricos» do PS. Talvez se no Congresso de 1980 Zenha tivesse ganho, os papéis se invertessem. Talvez — como há quem diga com alguma ironia — Zenha seja o «Soares que perdeu». Ou talvez mostre que «ri melhor quem ri por último».